

O ENSINO FARMACÊUTICO E A FACE SOCIAL DA PESQUISA

RITA DE CÁSSIA PAULA ALVES VIEIRA

Professora de Toxicologia, Departamento de Alimentos e Toxicologia, Faculdade de Farmácia e Bioquímica, Universidade Federal de Juiz de Fora.
Mestre em Educação.
E-mail: vieira@fbio.ufjf.br

É com grande satisfação que assistimos a uma crescente demanda por pesquisa nas universidades brasileiras. Particularmente, nas escolas de Farmácia do País, as publicações de alto nível envolvendo profissionais farmacêuticos nos leva a acreditar que estamos vivendo um salutar envolvimento da classe com a busca de "fazer" científicos.

A pesquisa é o conhecimento no seu nascedouro: na colocação do sujeito que quer conhecer frente ao objeto a ser conhecido. Quando este encontro acontece, ou seja, quando o sujeito apto a conhecer se coloca no mundo e estabelece com ele uma ligação, aí, existe conhecimento, que gera transformação. Foi, assim, ao longo de toda a história do saber acumulado pelas gerações que nos antecederam (CHAUÍ, 1997).

A ciência é fruto dessa troca entre o homem e o mundo. Fazer ciência vai além de simplesmente encontrar uma questão ou problema, levantar hipóteses e controlar condições, confirmar ou não alguma suspeita. Como toda troca, requer um constante refazer, pois tudo o que não se alimenta do novo, que não compartilha o que recebe, morre. O cientista é aquele que, respeitando as várias possíveis formas de atingir o ideal científico do conhecimento, é capaz de perceber a riqueza do universo no qual labora a ciência em suas diferentes áreas, métodos e abordagens, empregando-os criteriosamente e responsabilmente, a fim de praticar o exercício da pesquisa.

Tocamos, agora, em um ponto interessante. Toda vez que um pesquisador se vê diante de uma abordagem de pesquisa diferente daquela com a qual normalmente trabalha, a primeira reação é a estranheza. É natural que estranhemos o novo. Estamos diante daquilo que BACKER (1997) chama de "a questão dos paradigmas". Ele explica que, no dicionário, o significado desta palavra meio incomum é padrão ou modelo. E propõe uma ampliação desse significado: para ele, "paradigma são conjuntos de regras e regulamentos que fazem duas coisas – primeiro, estabelecem limites, de certo modo é o mesmo que o padrão faz, nos cantos e nas fronteiras. Segundo, essas regras e regulamentos, então, vão nos dizer como ter sucesso, resolvendo problemas dentro desses limites" (Ibid., p. 44).

O autor defende, ainda, que os seres humanos demonstram repetidamente uma capacidade de criar e lidar com paradigmas, o que é muito bom, porque, se assim não fosse, estaríamos ainda à espera da invenção do avião, do rádio, dos raios-X, de uma série de medicamentos, etc. Todos esses inventos e descobertas foram, de alguma forma, quebras de paradigmas.

O excerto de texto acima referido nos convida a mais uma reflexão. Todo pesquisador certamente enriquece suas visões, a partir da visão do *outro*, também pesquisador e, portanto, colaborador, mesmo que involuntário. Todo projeto de pesquisa é uma construção na qual se utilizam tijolos representados pelos trabalhos de colegas que nos antecederam no estudo de um determinado tema. Independentemente do tipo de instrumentos que tenham sido usados, se o trabalho tem rigor científico e respeita a abordagem metodológica proposta para sua realização, ele tem valor.

No campo das ciências farmacêuticas, situadas na interface entre as chamadas ciências exatas, da saúde e humanas, temos uma diversidade, uma pluralidade ou, para usar um termo mais pedagógico, uma multidisciplinaridade que deve ser, cada vez mais, buscada. Não se pode dissociar pesquisa de ensino e de extensão, já que formam o tripé no qual se sustenta a universidade.

Não se pode, então, querer que o estudante de Farmácia tenha uma visão global de seu papel, na sociedade, se nós, seus professores, não darmos o exemplo da convivência com os diversos saberes, a partir de uma prática democrática de ciência. Isso implica dizer que, enquanto tivermos um posicionamento de distância do universo acadêmico (não estamos, afinal, na Universidade?), não estaremos contribuindo para o crescimento profissional de um aluno que encontrará, lá fora, no mercado de trabalho, uma prática multidisciplinar muito diferente daquela vivida nos bancos escolares.

Este discurso não é novo, bem sabemos. Colegas professores dos últimos períodos das Faculdades de Farmácia certamente já terão experimentado o sofrimento de seus alunos, ao se verem próximos de abandonar a Universidade. Não seria a hora de darmos ouvidos a essas vozes? De que forma poderíamos contribuir para aproximar nossos alunos da realidade brasileira, tão carente de profissionais de saúde mais socialmente presentes? Talvez a resposta esteja na procura de um maior intercâmbio metodológico.

Se dermos aos alunos e a nós mesmos a oportunidade de enxergar as várias faces da ciência, através de trabalhos conjuntos entre profissionais dos vários cursos, grupos de pesquisa dispostos a ousar mesclando diferentes propostas, inserção no mundo extra-universitário como forma de encontrar questões a serem pesquisadas, creio, poderemos contribuir de forma mais eficaz para a melhoria da saúde do povo brasileiro. Uma prática acadêmica, enfim, capaz de mostrar ao futuro profissional a face social da pesquisa.

Devemos deixar claro, ainda, que quem pesquisa não é um ser acima da média, em relação aos outros mortais. Não somos habitantes de um mundo paralelo, mas simplesmente pessoas que, como os nossos alunos, um dia, viemos também buscar junto aos nossos professores o "sabor do saber", para usar uma expressão de Rubem Alves.

Portanto, pesquisar não é um ato semidivino, que se extingue, no momento em que deixamos a academia, mas que deve nos acompanhar, durante a vida profissional, alimentando-se da vida em sociedade e sendo alimentado por ela. Só assim, teremos farmacêuticos conscientizados de seu papel informativo nas notificações várias que se fazem necessárias para um uso adequado dos medicamentos, na observação constante do paciente como fonte de informações, no gosto pelo estudo e, conseqüentemente, pela atualização dos seus conhecimentos.

Os projetos de Bolsas de Iniciação Científica (BIC) são um bom exemplo de iniciativa acadêmica que vem ao encontro destes anseios, já que trouxeram a oportunidade de pesquisar para

aqueles interessados em trilhar os primeiros passos de um longo e interminável caminho a procura do conhecimento.

Partindo, pois, do princípio de que um intercâmbio metodológico traz um enriquecimento acadêmico, teremos a liberdade de optar por uma proposta de investigação que seja conveniente e útil para o objetivo a ser alcançado. Como ato humanamente definido, fica claro que nenhuma abordagem de pesquisa detém o *status* de perfeição metodológica, ou seja, o mito da neutralidade científica, às vezes usado para camuflar interesses nada científicos, é só um mito.

Faz-se urgente uma retomada de conceitos por parte dos órgãos financiadores de pesquisa, no sentido de buscar reconhecer metodologias de pesquisa já consagradas na comunidade científica internacional, capazes de se somarem às tradicionalmente aplicadas, para que possamos, todos, contribuir para o engrandecimento da ciência.

Sabidamente, o dito popular nos alerta: *o que importa é irmos em frente, porque atrás vem gente*. Particularmente, no caso da pesquisa, vem muita gente: novos pesquisadores com novas idéias, gente do povo que sustenta a universidade pública, gente que quer

aprender. Eu ainda acrescentaria que não só vem gente, como também *tem* gente: afinal, somos todos usuários em potencial do conhecimento farmacêutico acumulado.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES-MAZZOTTI, A. J. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2ed. São Paulo: Pioneira, 1998.
- AZEVEDO, I.B. de. *O prazer da produção científica. – diretrizes para a elaboração de trabalhos acadêmicos*. 3ed. Piracicaba: UNIMEP, 1995.
- BACKER, J. A questão dos paradigmas. *Revista do Instituto de Laticínios "Cândido Tostes"* v.52, n.299, p.44-48, 1997.
- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. 8ed. São Paulo: Ática, 1997.
- ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: **Handbook of Research on Teaching**. New York: Macmillan Publishing Company, 1985. P. 119-161.